MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

No sonhário dos sonhadores: por uma história conceitual dos sonhos e do aparelho psíquico[1][2]

Des rêveurs en leur "rêvoir": pour une histoire conceptuelle des rêves et de l'appareil

On dreamers in their "dreamery": towards a conceptual history of dreams and psychic apparatus

Pierre-Henri Castel

Resumo: Este ensaio propõe uma reconstituição da trajetória de algumas das teorias do sonho e do aparelho psíquico que tiveram influência significativa, desde o Freud dos anos 1930 até Ogden, Bollas e Ferro, passando por Ferenczi, M. Klein, E. Sharpe, Meltzer, Lacan e Bion. O estudo evidencia a amplificação progressiva dos conflitos de interpretação entre diferentes leituras do capítulo final de *A interpretação dos sonhos*, buscando, contudo, detectar nele uma certa lógica dialética. Tal empreendimento insere-se no campo da história conceitual e, portanto, articula a crítica epistemológica com a análise das condições históricas concretas de emprego dos conceitos. Essa investigação chega a dois resultados principais: destaca a crescente importância dos problemas colocados pelos estados-limite nas transformações pós-freudianas da teoria psicanalítica do sonho e aponta a incerteza, ainda não resolvida, que afeta suas variantes mais recentes. Isso se deve ao fato de que, ao se afastar do modelo mecanicista freudiano original, o aparelho psíquico, tal como concebido nas variantes mais recentes da teoria psicanalítica, encontra-se como que suspenso em um "espaço" intrapsíquico de difícil apreensão.

Palavras-chave: Sonho; Interpretação do Sonho; Aparelho Psíquico; História da Psicanálise; Sonhário.

Abstract: This essay reconstructs the trajectory of several particularly influential theories of dreams and the psychic apparatus, from Freud in the 1930s, through Ogden, Bollas and Ferro, to Ferenczi, M. Klein, E. Sharpe, Meltzer, Lacan and Bion. It highlights the growing interpretive conflicts between possible readings of the final chapter of The Interpretation of Dreams, while at the same time attempting to identify in it a form of dialectical logic. Such an endeavour falls under

1 O texto foi traduzido do original *Des rêveurs en leur "rêvoir»: pour une histoire conceptuelle des rêves et de l'appareil psychique*, publicado na revista In Analysis, volume 9, em abril de 2025. Agradecemos ao editor Liviu Poenaru pela colaboração.

2 Esta tradução faz parte de uma pesquisa de pós-doutorado financiada pela FAPESP.

the heading of conceptual history, and thus combines epistemological criticism with an examination of the concrete historical conditions in which concepts are being applied. This historical approach yields two important results: it highlights the growing importance of the problems posed by borderline states in the post-Freudian mutations of psychoanalytic dream theory, and the as yet unresolved doubts that plague its most recent variants, because in detaching themselves from the original Freudian mechanistic model, the psychic apparatus they project is suspended in an interpsychic 'space' that is difficult to comprehend.

Keywords: Dream; Dream interpretation; Psychic apparatus; History of psychoanalysis; Dreamery.

Este artigo, explicitamente de pesquisa, propõe-se a uma empreitada árdua: tentar identificar ao menos um fio condutor na história clínica e conceitual das teorias do sonho e, portanto, do aparelho psíquico – de Freud até os debates atuais. Trata-se de uma história cheia de peripécias e bifurcações, motivadas ora pela descoberta de consequências inesperadas das formulações iniciais de Freud, ora pela revelação de materiais mais tortuosos do que os dele, que poderia se duvidar não apenas da ocorrência da "teoria do sonho" em psicanálise, mas – de maneira não menos problemática – da própria consistência de um aparelho psíquico – de um "sonhário" (*rêvoir*), para retomarmos o neologismo de Rabelais (1546, XV) –, capaz, no mínimo, de condensar numa imagem estável os múltiplos paradoxos em jogo tanto no exercício da interpretação como na metapsicologia.[3]

Mas, se ao final desse percurso – bastante seletivo, profundamente simplificado e aberto a revisões – surgisse a possibilidade de uma verdadeira continuidade em suas transformações sucessivas, não apenas ganharíamos maior clareza sobre as razões que levaram Freud e seus sucessores a recorrer a esta ou aquela versão do sonho e de sua interpretação, mas também alcançaríamos uma perspectiva original sobre seu destino – ou, melhor dizendo, sobre seus problemas futuros. Teríamos, em resumo, uma trajetória a ser prolongada ou reorientada, o que já ofereceria uma direção útil à investigação, apta, desde já, a barrar analogias fantasiosas e outras superstições gratuitas – na medida em que as teorias do sonho, em psicanálise, mantêm numa relação perigosa com teorias que não passam de sonho.

Continuarei agora, portanto, por traçar de modo esquemático um percurso dentro dessa teoria do sonho tão complexa e em constante transformação, desde a década de 1930 até certos desdobramentos pós-bionianos recentes (percorrendo, diríamos, em "linha contínua" Freud, Ferenczi, M. Klein, depois E. Sharpe, Lacan, Bion, Meltzer e, mais próximo de nós, Ogden, Bollas e Ferro). Na sequência, examinarei algumas hipóteses capazes de introduzir certa lógica nesse caminho, articulando-as a considerações – também elas demasiadamente gerais – sobre as

3 Traduzo *rêvoir* por sonhário, neologismo em brasileiro formado a partir de sonho e cenário. Assim como *rêvoir*, que articula rêver (sonhar) e *voir* (ver), sonhário evoca aqui um espaço psíquico onde o sonho e cenário participam ativamente da construção da subjetividade (N. do T.).

transformações nos pacientes, nas técnicas de cura e nos contextos sócio-históricos em que se inserem. Por fim, considerarei algumas especulações sobre os rumos que a pesquisa psicanalítica sobre o sonho poderia tomar na atualidade.

Os anos 1930 representam, de fato, um ponto de partida razoável, uma vez que A interpretação dos sonhos teve sua última edição publicada em 1929, expurgada das contribuições de Rank sobre o simbolismo,[4] e que a "revisão" da doutrina do sonho se inicia precisamente com a constatação, sob a pena de Freud, de que "os psicanalistas se comportam como se não houvesse mais nada a dizer sobre o sonho" (Freud, 1932, p. 88). Trata-se de um julgamento pertinente, na medida em que, à época, havia se fixado um cânone da doutrina do sonho (e, portanto, da metapsicologia).[5] Esse cânone alimentou uma ortodoxia freudiana, depois annafreudiana, que teve uma função decisiva: serviu para normalizar aquilo que deveria parecer, mais ou menos, a uma interpretação de sonho e, em suas formas eruditas, tornou-se alvo das refutações epistemológicas à psicanálise nos Estados Unidos (de Nagel a Grünbaum). Com efeito, ela situava a teoria do sonho (e do desejo sexual recalcado, que nela desempenha um papel causal determinante) no interior de uma psicologia psicanalítica geral de base clínico-empírica – uma psicologia em que a cura, por força dos postulados naturalistas dos autores, era mais uma aplicação terapêutica do que um espaço de recriação inovadora.

Dessa ortodoxia, destacamos três aspectos:

A) Até os anos 1930, uma sessão ordinária consistia, na verdade, em nada mais do que uma análise de sonhos; pacientes que sonhavam pouco ou nada, ou que associavam sobre outros assuntos, eram tomados como "resistentes" (Sharpe, 1937/1978, p. 66).

B) Não nos esqueçamos da doxa dos anos 1950, que extraía da doutrina ortodoxa do recalque-como-causa-do-sonho a ideia de que um analista ou candidato que sonhasse com seus pacientes deveria interromper imediatamente aquele tratamento e voltar para o divã, pois tais sonhos demonstrariam que ele não estava suficientemente analisado.

C) Enfim, afundada até o pescoço numa explicação do sonho como um "fato psicológico interno", a doutrina padrão foi duramente atingida pelas descobertas da neurofisiologia do sonho e do sono dito "paradoxal" (Aserinsky; Kleitman; Dement, 1953; Jouvet, 1965). Pois, se há uma explicação empírica e casual para o sonho, ela é mais plausível nesse domínio do que na invocação do recalque, da regressão tópica

4 A partir da década de 1920, Freud suprimiu as contribuições de Otto Rank nas edições da Traumdeutung, eliminando tentativas de coletivização da obra, como o "escritório dos sonhos". Segundo Lydia Marinelli e Andreas Mayer (2009), essas contribuições visavam construir uma teoria universal dos sonhos, baseada na codificação de símbolos oníricos recorrentes. Freud passou a rejeitar esse projeto em favor de uma abordagem mais individual e clínica da interpretação onírica (N. do T.).

5 Sobre a história da Traumdeutung e o processo complexo de fixação do cânone, ver o incontornável trabalho de Mayer e Marinelli (2009).

etc. As neurociências do sonho não cessaram, desde então, de se afastar de Freud – o que, no entanto, não impede certos psicanalistas de correrem atrás delas.[6]

Ora, não está de modo algum assegurado que esta ortodoxia fosse triunfar (até que desmoronasse). O clínico de hoje, munido da obra de Ferenczi, de sua correspondência com Freud e do Diário clínico, não pode deixar de perceber a pertinência das reformulações propostas pelo húngaro – mantendo-se, contudo, com rigorosa distância de Jung. O veredito de Freud, em 1932 ([...] como se não houvesse mais nada a dizer sobre o sonho!), acaba parecendo ainda mais bizarro. Destaco, assim, os pontos principais dessa discussão:

A) Existe, de acordo com Freud, um inconsciente não recalcado, o qual apresenta mais traços infantis do que sexual; é possível que ele corresponda, ao menos em parte, àquele inconsciente produtor, ou "poético", ao qual Freud alude no primeiro capítulo da *Traumdeutung*.

B) Mas, é bem mais sugestivo vê-lo como um inconsciente não-representativo, muito próximo das excitações corporais primitivas e que, numa terminologia mais recente, evoca o substrato narcísico unitário último do eu.[7]

C) Contra Jung, porém, a posição de Ferenczi sobre o simbolismo permanece materialista: o corpo, provido desse inconsciente, jamais é simplesmente simbolizado – ele é sempre, ao mesmo tempo, simbolizante, e a escapada mística é barrada desde a origem.

D) Decorre daí (e sobretudo do ponto de vista contemporâneo) que os fenômenos da psicose, ou ainda os dos sonhos traumáticos – nos quais a unidade do eu se encontra comprometida – não ofereceriam apenas, clinicamente, um apoio à existência desse inconsciente "anterior" num sentido inédito (pois anterior ao

6 Para uma história ao mesmo tempo clara, exaustiva e distanciada do problema do sonho (e do sono), em que Freud (e Jung) são tratados como momentos e não como pontos de chegada, ver: Parot (1995). Para um panorama do que resulta da aproximação entre as neurociências e a psicanálise do sonho – ou seja, nada – ver, por exemplo: Solms (2019), ou ainda Lauret (2014).

7 Ao empregar a expressão *le substrat narcissique unitaire ultime du soi*, Castel está se referindo a uma base última, fundamental, narcísica e unitária do eu, ou seja, a um nível muito primitivo e profundo da constituição do sujeito, no qual ainda não há representação no sentido pleno (daí ele dizer que é *non-représentatif*), mas onde já existe uma forma de organização que assegura a coerência mínima da experiência de si mesmo. Esse substrato seria anterior ao recalque e às estruturas simbólicas mais desenvolvidas – ele se aproximaria das excitações corporais primitivas e garantiria uma coesão mínima do sujeito. Trata-se de um nível em que corpo e psiquismo ainda estão intensamente entrelaçados, e que, em termos metapsicológicos contemporâneos, remete ao que alguns autores identificariam como um núcleo arcaico do self, anterior ao narcisismo secundário. A menção de Castel a esse "substrato" está inserida numa reflexão que articula as contribuições de Ferenczi a uma concepção ampliada do inconsciente, ultrapassando o modelo repressivo-freudiano tradicional e incluindo dimensões não representativas e somatopsíquicas da experiência subjetiva – especialmente relevantes nos fenômenos psicóticos e nos sonhos traumáticos. Nesse contexto, o sonho deixa de ser apenas o "guardião do sono" (como na teoria clássica de Freud) para assumir uma função traumatolítica, isto é, capaz de trabalhar simbolicamente os efeitos do trauma e, em alguma medida, operar uma reparação psíquica (N. do T.).

"primário" freudiano), mas também conferir ao sonho uma função mais profunda do que a clássica função de guardião do sono: uma função traumatolítica (Ferenczi, 1982), frente à qual a função repressiva do sonho aparece como secundariamente reparadora e, por assim dizer, auxiliar.[8]

E) Nada disso impede Ferenczi de transpor a doutrina do sonho para um quadro rigorosamente transferencial; assim, ele cita com aprovação os Epigrammata de Lessing: *Alba mihi semper narrat sua somnia mane*, / *Alba sibi dormit: somniat alba mihi* (Alba me conta sempre seus sonhos pela manhã, / Alba dorme por si mesma: Alba sonha por mim). Daí se deduz uma solidariedade intrínseca – e não mais contingente, como na *Traumdeutung* – entre a própria produção onírica e, sob transferência, a busca inventiva[9] de seu intérprete.

Freud não deu brecha para essas hipóteses. Sem dúvida imaginava que, para sustentá-las, Ferenczi teria de elaborar uma teoria da repetição no trauma e, logo, da pulsão de morte, incompatível com a sua. Mas também, talvez, porque seria difícil conceber de que maneira esse corpo-inconsciente "traumatizado", reparando-se via o sonho "traumatolítico", se deixaria tocar transferencialmente – e se a cura contribuiria, de algum modo, para essa dita traumatólise.

Ainda assim, uma pedra fundamental foi colocada. Mesmo que as respostas de Ferenczi – tanto técnicas quanto metapsicológicas – tenham se apagado como fogo de uma fogueira, suas interrogações, por outro lado, continuaram como brasas discretas, dessa mesma fogueira, mantendo-se acesas sob a superfície.

Melanie Klein teve um papel nisso. Pode-se tomar como indício o texto fundamental de Ella Sharpe, Dream Analysis (Sharpe, 1937/1978). Fundamental por três razões: a) Tratava-se de um manual de formação aprovado pelo Comitê de Formação da Sociedade Psicanalítica Britânica,[10] do qual Klein era membro, e sua difusão, assim como sua posteridade, foram consideráveis; b) O livro tem uma ambição antes de tudo pragmática: como interpretar um sonho? – essa é a questão, e todo aparato metapsicológico freudiano (aquele do capítulo VII da *A interpretação do sonhos*) não desempenha papel algum. Como para grande parte dos analistas dessa segunda geração, o desafio era otimizar a práxis e aprofundar a experiência. E é mais em virtude do que essa mesma práxis permite explorar do que

8 É comum, na literatura sobre o sonho, perguntar-se se Garma teria lido Ferenczi, já que desenvolve uma ideia semelhante: Garma, 1981. Mas isso pouco importa. O ponto essencial é que, tanto um quanto o outro, percebem que, se esse inconsciente "anterior" realmente existe e se o sonho exerce um papel "traumatolítico", então não se trata de um inconsciente representativo, no sentido de representância como processo: ele é desprovido de traços mnésicos – inclusive daqueles dos traumas que sofreu –, que se apresentam como lacunas reais no tecido psíquico. Mas então, do que ele é feito? E como o dispositivo transferencial permite acessá-lo? Mistério.

9 Castel utiliza a expressão quête-invention para indicar que a interpretação do sonho, sob transferência, não se reduz à decodificação de um sentido oculto. Trata-se de um processo em que o intérprete busca e, ao mesmo tempo, inventa o sentido – daí a tradução por busca inventiva (N. do T.).

10 *Training Committee of the British Psychoanalytical Society* (N. do T.).

de suas fundações metapsicológicas que se medirá o progresso da psicanálise; c) Por fim, *Dream Analysis* inaugura – ouso dizer – a grande bifurcação das concepções psicanalíticas posteriores do sonho: a famosa aproximação, frequentemente atribuída a Sharpe, entre os mecanismos associativos freudianos do trabalho do sonho e as figuras poéticas (metáfora, metonímia, etc.) está no centro de sua argumentação? Ou seria antes uma forma bem kleiniana com que a autora compreende a teoria do simbolismo de Jones, única autoridade que ela cita explicitamente?

Para Ella Sharpe, desde já, é preciso deixar claro, torna-se necessário dizer que a doutrina das figuras poéticas é um meio de abordar o trabalho do sonho; trata-se de uma ferramenta heurística, não explicativa (como virá a ser no contexto da "causalidade formal" – a única capaz de conceber o efeito específico do "efeito de sentido", tal como atribuído aos significantes de Lacan).[11] Ainda assim, o verme já está na fruta.[12]

A "metáfora implícita" (*implied metaphor*), que a interpretação explícita tenta decifrar como figura poética, comunica-se com o simbolizado inconsciente por meio de um curto-circuito semântico – e não por um acúmulo frustrado de investimentos comparável a uma miríade de pequenas bolas de bilhar cujos choques sobredeterminam esta ou aquela irrupção ou deformação do sentido, exigindo que se percorra associativamente suas longas cadeias. Ao contrário, é à sombra dessa metaforização que o restante das associações se torna inteligível – muito mais como uma totalidade significante em aberto do que como um polígono de forças (de traços mnêmicos investidos por uma energia = x) que se compõem ou se opõem.

Porém, Ella Sharpe insiste nisso: é assim que se deve proceder na prática e que, de fato, se procede nas interpretações, adivinhando a metáfora implícita inconsciente. Eis também por que, pode-se conjecturar, ela lê Jones com óculos kleinianos, com Ferenczi ajustando-os discretamente ao fundo. Pois, se no sonho se encontra sensações corporais-sexuais infantis, essas sensações estão em busca de um objeto. É essa busca, ou essa tensão conativa, que suscita configurações semânticas (ou "fantasmas", no sentido kleiniano). Nessa perspectiva, a intencionalidade própria à busca de um objeto prescinde totalmente da energética dos investimentos, central na teoria da representação pulsional.

11 Lacan retoma, a partir de Aristóteles, a noção de "causa formal" para pensar o funcionamento do inconsciente. Diferentemente da causalidade linear ou energética presente em Freud (na qual um desejo reprimido leva a um sintoma, por exemplo), a causalidade formal, em Lacan, diz respeito à estrutura do significante como aquilo que molda os efeitos de sentido. Ou seja, o significante não "contém" um sentido a ser descoberto, mas produz sentido por sua forma, posição e relação com outros significantes. É nesse quadro que Lacan entende o sonho: como efeito de linguagem, estruturado como uma metáfora, mais do que como descarga de energia psíquica (N. do T.).

12 A expressão francesa *le vers est dans le fruit* significa que algo já está corrompido ou minado por dentro, mesmo que ainda pareça íntegro por fora. Há aqui também um jogo de palavras: *vers* pode significar tanto "verme" quanto "verso" (de poema), o que reforça a ambiguidade entre a presença de algo destrutivo e, ao mesmo tempo, da poética – justamente o tema em discussão no texto (N. do T.).

Em resumo, *Dream Analysis* pode ser lido tanto como uma prefiguração de Lacan[13] quanto, em seu extremo oposto, como uma teoria do corpo simbolizado/simbolizante em ação – prefigurando, desta vez, a *Two-Body Psychology*.[14] Nesse caso, a leitura poética, embora indubitavelmente operatória, torna-se apenas uma especificação posterior, no material verbal, da projetividade inerente à transferência e de sua recepção contratransferencial pelo, ou melhor, no analista.

Em consequência, a metapsicologia desses processos já não remete ao aparelho psíquico do capítulo VII da *A interpretação dos sonhos*, nem tampouco à dinâmica da representação da segunda tópica; mas sim ao "mundo inteiro" kleiniano e às suas relações com os objetos parciais – os verdadeiros, e sobretudo únicos, referentes inconscientes da i*mplied metaphor*, a única com a qual somos realmente confrontados.

Mais adiante, veremos, tudo isso se encontra aqui em estado germinal (ou implícito, na prática); mas essa virada teórica será consumada em Meltzer – e assumirá então a forma de um repúdio (explicitamente conceitualizado) à velha máquina especulativa freudiana, o "sonhário" do capítulo VII.

Observemos o percurso, no entanto, a primeira vertente "lacaniana" da posteridade de *Dream Analysis*.[15] Vê-se de imediato para onde ela conduz: se o que se decifra poeticamente é a estrutura verbal das associações, e tanto faz se elas se referem ao sonho, ao sintoma, ou a qualquer outra coisa. Se o paciente traz um sonho à sessão, ele será decifrado com essas ferramentas; mas o sonho em si, ou o processo de sonhar, perde qualquer privilégio na sessão, que já não se realiza necessariamente em uma atmosfera onírica, nem mesmo com o paciente deitado, tampouco num estado evocador do sono. Sua duração não se alinha mais ao "tempo que se precisa" para quaisquer processo psíquico se repetir alí. Nesse sentido, *psyché* não faz mais parte do léxico lacaniano – que assume um anti-psicologismo declarado. No melhor dos casos, o sonho é um terreno privilegiado para revelar os jogos do significante e do endereçamento enunciativo atravessado pela transferência, em pé de igualdade com o chiste (Safouan, 1982). O relato associativo do sonho – sua poesia – concentra, mais ainda do que em Freud, o que está em jogo na experiência onírica; e a interpretação do sonho é para o sonho, em Lacan, o que a simbolização

13 É a escolha de M. Khan no prefácio da reedição de 1978

14 . *Two-Body Psychology* (Psicologia a dois corpos): expressão utilizada para designar uma concepção intersubjetiva do setting analítico, em que se considera não apenas a interação entre os corpos do analista e do analisante na sessão, mas também a ressonância entre seus mundos internos. Está associada a desenvolvimentos contemporâneos da teoria da contratransferência e do conceito de rêverie, especialmente em autores como Thomas Ogden (N. do T.).

15 As aspas se justificam aqui porque Lacan, tecnicamente, nada deve a Ella Sharpe, embora a tenha comentado. Seu uso das categorias de metáfora e metonímia baseia-se em Jakobson (portanto, numa causalidade estrutural de tipo formal). Em contrapartida, Lacan tira as consequências do que acontece quando tais categorias poéticas substituem sua própria articulação à causalidade associativa de Freud (a qual era eficiente) e passam a desempenhar um papel explicativo nas formações do inconsciente.

do imaginário é para a imaginarização do simbólico em geral – um lado que se revela como o avesso do outro, tal como numa fita de Moebius. A própria noção de aparelho psíquico se transforma, então, em uma topologia onde essa orientação formalista se condensa. E não se pode negar que essa orientação confere maior coerência aos exemplos freudianos.

Por outro lado, essa abordagem tem um certo custo, que podemos detalhar:

A) Já foi notado há algum tempo (Nancy; Lacoue-Labarthe, 1973): uma abordagem desse tipo tende a esmagar os pensamentos do sonho sob o peso do trabalho do sonho – chegando mesmo a reduzir aqueles a uma espécie de efeito de sentido, um "significado" subordinado ao jogo dos significantes. Tanto faz, então, se Lacan se distancia ou não de Freud de maneira aceitável. O ponto principal é o seguinte: na perspectiva lacaniana sobre o sonho, toda a criatividade psíquica só pode resultar da recombinação de formas significantes, e não propriamente dos conteúdos dos pensamentos. Além disso, essa teoria não admite que, antes mesmo dos efeitos de metáfora/condensação e metonímia/deslocamento, possam existir perturbações no próprio pensamento (onírico) enquanto pensamento. Freud, de todo modo, também não se colocava essa questão: os pensamentos do sonho, de acordo com ele, não tinham relevo particular – seu interesse estava em decifrar as transformações que sofriam sob a ação da censura.

B) Posteriormente, o próprio Lacan chega a admitir que há um aspecto do trabalho do sonho sobre o qual ele tem pouco a dizer – a *Rücksicht auf Darstellbarkeit*.[16] Ele a comenta, ainda que de passagem, como uma atenção aos imperativos e aos meios da encenação. Ora, na medida em que essa encenação conjuga a questão da figurabilidade (dos pensamentos em imagens) e a do seu desdobramento em uma cena que pode muito bem ser compreendida como a "outra cena" do inconsciente, trata-se certamente do aspecto do *Traumarbeit* (trabalho do sonho) mais próximo do problema do pensamento e de seu destino.

Essa reserva é ainda mais significativa porque, a partir dos anos 1980, a atenção voltou-se fortemente para a "figurabilidade psíquica", a fim de articular aquilo que, não apenas no sonho, mas em todo processo inconsciente, diz respeito à "reapresentação"[17] de um passado traumático "irrepresentável". Movimento que

16 *Rücksicht auf Darstellbarkeit* é uma expressão usada por Freud para designar a "atenção à figurabilidade", isto é, a exigência de que os pensamentos do sonho sejam transformados em imagens para que possam aparecer na cena onírica. Em outras palavras, o conteúdo psíquico precisa ser "visível" ou "imaginável" para ser sonhado. Trata-se de uma das condições fundamentais do trabalho do sonho, ao lado da condensação e do deslocamento (N. do T.).

17 No texto original em francês, *présentation* e *re-présentation* são usados para diferenciar dois níveis de figurabilidade psíquica. *Présentation* refere-se à aparição inicial de um conteúdo psíquico em forma sensorial ou imagética (como nas imagens do sonho), enquanto *re-présentation* – com hífen – destaca o retorno ou reaparecimento simbólico de algo que não pôde ser representado plenamente, frequentemente ligado ao trauma. Optamos por "reapresentação" para preservar essa distinção (N. do T.).

aprofunda tendências já esboçadas por Ferenczi, mas no sentido de uma nova articulação com a metapsicologia freudiana da representância.[18] [19]

Na outra vertente, aquela em que o sonho é expressão das relações com objetos parciais no seio do mundo interno, encontramos, em contraponto à leitura lacaniana, desdobramentos cada vez mais refinados daquilo que ainda permanecia implícito em *Dream Analysis*. Em poucas palavras, contra Melanie Klein (que, vale lembrar, negava qualquer valor positivo à contratransferência), mas passando, ainda assim, por seu conceito de identificação projetiva, somos conduzidos, num primeiro momento – como vimos anteriormente –, diretamente à *Two-Body Psychology*.

Ora, esse movimento não poderia se deter aí. Não há *Two-Body Psychology* sem esse prolongamento enigmático – mas, num certo sentido, lógico – que é a ideia de uma ressonância não apenas entre os dois corpos que se afetam mutuamente na sessão, mas entre os dois mundos internos do analisante e do analista. Aí se reconhece um motivo recorrente das teorias mais recentes sobre o sonho e sua interpretação: a ideia (quando formulada em termos freudianos e não kleinianos) de um duplo movimento regressivo e coordenado, do paciente e do analista, aquém do nível representacional – movimento que abriria acesso à apreensão, tão almejada por Ferenczi, das camadas traumáticas mais profundas do inconsciente. Estaria em jogo, então, segundo a formulação exemplar de Ogden (2002), a possibilidade de "sonhar os sonhos insonhados" por um espaço compartilhado de um "sonho a dois", que confere sua verdadeira textura ao par transferência-contratransferência.

A trama intricada que conduz a esse tipo de formulação, como era de se esperar, não se deixa apreender por um exame apressado. Pode-se simplesmente esperar que o jogo de contrastes com os pontos de vistas anteriormente evocados (Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Lacan) ofereça uma ideia, ainda que vaga, das inflexões conceituais envolvidas e do que elas implicam para a clínica. De todo modo, duas mediações se impõem para prosseguir nessa direção: a de Bion, como é evidente, e a de Winnicott – mas lido de uma forma bem peculiar.

Bion propõe, de fato, não uma teoria do sonho, mas da "função de sonhar" (*dreaming*),[20] cujos grandes traços podem ser retomados como outras tantas inversões (ao menos aparentes) da metapsicologia de *A interpretação dos sonhos*.

18 Representância é a tradução consagrada do termo alemão *Vertretung*, usado por Freud para indicar o processo pelo qual um conteúdo psíquico recalcado é substituído por outro que o representa inconscientemente. A noção é central na teoria do recalque e foi recuperada por autores como Jean Laplanche para destacar a diferença entre representar algo e fazer as vezes de algo recalcado. O termo se distingue de "representação" (*Vorstellung*), mais ligada à imagem mental ou palavra (N. do T.).

19 Autores mais recentes tentaram retomar a questão do sonho a partir do último Lacan que, como se sabe, ao introduzir as noções de gozo e de real, havia rearticulado completamente as categorias-chave do simbólico e do imaginário. Para uma ilustração desse deslocamento, ver: Bruno (2017).

20 Traduzimos *dreaming* por "função de sonhar", conforme a tradução consagrada nas obras de Bion publicadas no Brasil (como Aprender com a experiência, Imago Editora), por refletir o caráter processual e formador dessa atividade psíquica (N. do T.).

a) Ainda que utilize pouco esse termo, o retrato traçado por Bion do aparelho psíquico – concebido como um aparelho "para pensar os pensamentos" – é mais propriamente anti-traumático, ou quase traumatolítico. Com efeito, o bombardeio da superfície-tela desse aparelho se assemelha a uma traumatização contínua por intensidades externas, ou então por intensidades previamente rejeitadas e expulsas, que retornam incessantemente. O problema existencial com o qual esse aparelho se depara é, então o de uma reparação constante de uma espécie de "barreira de contato" (remetendo ao bloco mágico), com um grau de complexidade a mais em relação ao modelo freudiano original. Essa barreira não apenas filtra excitações externas (provenientes da realidade), mas, por uma outra face da estrutura, separa e ao mesmo tempo articula o consciente e o inconsciente – como se as excitações internas fossem tratadas da mesma forma que as externas. Esse dispositivo (uma "dupla borda", como glosa Green) dá sentido à ideia de uma "continência" do eu cujo processo seria, em si, onírico.

b) Uma corrente significativa do pensamento contemporâneo assimilou, por isso, essa continência[21] a uma função de holding interiorizado/introjetado, especialmente porque Bion (que praticamente nada diz sobre Winnicott!) aproxima essa "tela" daquilo que a Mãe originária teria oferecido à criança: sua própria capacidade onírica de absorver psiquicamente os choques que atingem o bebê.

c) Mas talvez seja mais interessante – ou mais ousado – pensar que Bion tinha em mente dois pontos notáveis da concepção freudiana posterior à *Traumdeutung*. O primeiro é que, com a introdução do Id na segunda tópica e das especulações sobre a pulsão de morte, o estatuto antes secundário – e de todo modo inocente – dos "restos diurnos" incorporados ao processo do sonho se transformou: pode-se imaginar, com mais facilidade, uma reação de tipo repulsiva/absorvente por parte de uma protoestrutura[22] do aparelho psíquico ainda pouco diferenciada – e em processo de diferenciação – anterior ao momento em que esse aparelho (nos moldes do capítulo VII) já se mostra suficientemente elaborado para tratar como meros "restos diurnos" os impactos externos (e, possivelmente, certas excitações somáticas antes que estas se articulem com pulsões em sentido estrito). O segundo ponto é a ideia

21 A palavra "continência", tal como empregada neste texto, deriva do termo francês *continence*, utilizado por autores como André Green para designar a capacidade do aparelho psíquico de conter e transformar excitações psíquicas primitivas (externas ou internas), sem descarregá-las de forma impulsiva ou atuar nelas diretamente. Inspirada na noção de containment de Bion – em que a função materna absorve, metaboliza e devolve ao bebê seus estados emocionais brutos –, essa capacidade é posteriormente introjetada pelo sujeito como uma função do eu. Castel retoma esse conceito para pensar que tal "continência" tem uma natureza propriamente onírica, ou seja, que o processo de sonhar é em si mesmo uma forma de continência psíquica (N. do T.).

22 Por "protoestrutura", Castel se refere a uma organização psíquica primitiva, anterior às diferenciações tópicas mais elaboradas (como as da primeira e segunda tópicas freudianas), mas que já possui uma capacidade rudimentar de processamento das excitações. Trata-se de um estágio inicial do aparelho psíquico, ainda em formação, que antecede a constituição plena das instâncias psíquicas tal como descritas por Freud (N. do T.).

de que o "fundo" último sobre o qual todo sonho se ergue tem a natureza de uma "matriz", um lugar fantasmático derradeiro da regressão ao narcisismo primário – o que, convenhamos, não é exatamente o mesmo que visava o *holding* winnicottiano.

d) De todo modo, Bion parece aqui se aprofundar cada vez mais em zonas psíquicas regidas por mecanismos pós-kleinianos, que, ao contrário de Melanie Klein – pouco prolixa quanto ao sonho –, permitem um refinamento clínico mais preciso desse campo.

Pode-se tomar como prova disso duas ideias impactantes. A primeira é a importância de distinguir, no rastro dos acréscimos tardios de Freud à *Traumdeutung*, o sonho propriamente dito (fruto do bom funcionamento da tela protetora, e que contribui para a consolidação dessa tela em suas duas faces) e a mera alucinação que surge no sono. Tudo se passa como se o sonho traumático e sua difícil elaboração tivessem se tornado, com Bion, o paradigma do sonho enquanto processo constituinte do aparelho psíquico. Mas isso se dá ao preço de um paradoxo: o sonho no sentido ordinário (ou freudiano) torna-se, então, antes o indício de que algo = x não foi digerido/assimilado pelo aparelho psíquico, sendo antes o resultado de uma "excreção visual" de natureza projetiva (podendo-se pensar, portanto, que estaria condenado a se repetir mais e mais, por exemplo na "outra cena" evocada por Freud). O sonhar enquanto processo constrói, então, um aparelho psíquico – um sonhário – cuja função é fazer com que, em última instância, não haja mais sonho-alucinação.

A outra ideia, embora pareça uma inversão, é antes uma dialetização engenhosa de certas potencialidades da *Traumdeutung*, sendo o contraponto da primeira: o sonho não é exatamente o guardião do sono (salvo no aparelho psíquico tal como forjado por Freud); trata-se, antes, de que sem o sonhar (*dreaming*), não se pode dormir – fato que deve ter impressionado Bion ao observar as insônias dos melancólicos. É por isso que ele insiste, ao longo de toda a sua obra, em evitar a distinção canônica entre inconsciente (*unconscious*) e inconsciência (*unconsciousness*). Pois não se tem um sem o outro. Bion, nesse sentido, relê o final do capítulo I da Traumdeutung e tenta elucidar o que ali era apenas sugerido por Freud, quando este suspeita que aquele que conhecesse as causas do sonho começaria a compreender as da psicose – evitando, no entanto, o atalho que vê na loucura um simples sonho acordado.

Dream Life (1983) de Meltzer tem o mérito de ilustrar, com um inegável espírito sistemático, a que ponto chegou o pós-kleinismo depois de Bion: a uma refutação psicanalítica dos próprios princípios da *Traumdeutung*. As sofisticadas extensões do texto freudiano, seguidas dos desdobramentos dialéticos anteriormente enumerados, dificilmente poderiam evitar que tal configuração acabasse por emergir.[23] Meltzer, aliás, assume como seus diversos argumentos epistemológicos

23 Em certo sentido, o único que ao menos propôs uma integração realmente "freudiana" de Bion (e sobretudo de Winnicott) foi Green. Mas suas observações dispersas sobre o problema específico do sonho ainda aguardam uma síntese cuidadosa.

antifreudianos: a incompatibilidade entre compreender e decifrar, ou o caráter circular da noção de censura (que acaba por blindar o argumento de Freud contra qualquer objeção empírica), entre outros.

Mas a crítica incendiária de Meltzer também revela que se abria uma nova era, na qual o sonho e sua interpretação deviam servir a uma clínica e a uma metapsicologia incomensuráveis com o cientificismo, com o individualismo psicologizante e com o tipo de neuróticos para os quais a *Traumdeutung* fora originalmente escrita. Aos olhos de Meltzer, o grande livro de Freud simplesmente não estava à altura da concepção de conflito psíquico desenvolvida em Luto e melancolia. Sua maneira de separar representação e afeto, de manter, na primeira tópica, o pulsional ainda exterior ao aparelho psíquico – em contraste com o Id da segunda tópica, que existe no interior desse mesmo aparelho –, e seu efeito mais evidente: o trabalho do sonho reduz a criatividade simbólica a meras manipulações defensivas de pensamentos banais, e, por fim, a incapacidade de dar conta da contenção afetiva própria ao sonho e de sua elaboração na dinâmica transferência–contratransferência – tudo isso, para Meltzer, selava a vacuidade do projeto freudiano. E a necessidade, no mínimo, de substituir o 'sonhário' puramente mecânico do capítulo VII por uma versão renovada do mundo interno kleiniano – povoado de objetos parciais, mas também munido dos operadores funcionais propostos por bionianos.

É difícil dizer se essa ambição epistemológica levaria, de fato, a algo melhor do que a substituição de uma geringonça conceitual por outra. Em compensação, ao colocar em primeiro plano as relações emocionais na sessão, Meltzer é um dos primeiros a sugerir que o lugar do sonho, do ponto de vista analítico, não se situa entre as orelhas do sonhador – mas sim entre o analisante e o analista, ou até mesmo (para sair enfim do vocabulário kleiniano) no espaço transicional de um psiquismo ao outro.

O aparelho psíquico torna-se então mais um aparato constituído pela transferência e contratransferência, funcionando como um "terceiro" na sessão – e é o próprio enquadre que, nesse momento, se metamorfoseia em sonhário.

Segundo a fórmula de Ogden "sonhar sonhos insonhados", pode ser entendida, ao final desse percurso, como uma empreitada de reparação quase ontológica do si mesmo, situada muito antes do Eu freudiano solidamente constituído – esse lugar dos conflitos pulsionais acessíveis à interpretação com base apenas nas associações do neurótico, sem qualquer mobilização positiva da contratransferência da analista enquanto destinatária intrínseca do sonhar do paciente. Tudo se passa, portanto, como se as intuições de Ferenczi tivessem enfim encontrado uma forma clínico-conceitual senão acabada, ao menos amadurecida.[24] Mas tudo se passa também como se o sonhário bioniano – reelaboração altamente dialética dos diferentes aparelhos

24 Aliás, Ferenczi (penso especialmente na ideia de um inconsciente não recalcado no sonho) emerge cada vez mais como pano de fundo de empreitadas como a de Bollas, ainda que correndo o risco, talvez, de uma nova deriva "mística" no infinito desse inconsciente: Bollas (2025).

freudianos (da *Traumdeutung* ao "bloco mágico") – ganhasse hoje consistência na literatura psicanalítica sobre o sonho, beneficiando-se extraordinariamente da contribuição de Winnicott. Assim, em Ferro, esse aparelho acaba por coincidir, por assim dizer, com um espaço transicional "enriquecido", dado como equivalente funcional do enquadre da cura (Ferro, 2019).

Pode-se conjecturar que essa evolução da doutrina psicanalítica do sonho não é, de modo algum, uma consequência "pura" de um refinamento teórico progressivo: trata-se de uma resposta eminentemente prática à transformação do perfil dos pacientes e, antes de tudo, à irrupção dos estados-limite e dos casos "não neuróticos"[25] no centro da cena clínica. Não se fará mais do que propor essa ideia como uma hipótese complementar, que só tem o valor que o percurso anterior – de teoria em teoria – puder lhe conferir; torná-la minimamente plausível já seria uma tarefa que ultrapassa os limites deste artigo (e as minhas forças!). Mas, para abrir a discussão – sem prejulgar o caráter lacunar ou enviesado do que foi dito até aqui –, já se poderia formular a seguinte série de questões:

a) Tornou-se banal, na literatura, propor – de modo implícito ou explícito – uma dupla leitura dos sonhos recolhidos no divã. A primeira é freudiana e se detém nos deslizamentos verbais, revelando os desejos recalcados latentes em seu contexto. Mas logo emerge uma segunda leitura (*second thoughts*), alimentada pelo logo após (*l'après-coup*) contratransferencial do analista, que revisita esse primeiro material e faz emergir algo, eu diria, de hiper-latente: não se trata mais de decifrar; o que ocorre é uma afetação pela simbolização enquanto processo de trabalho, à qual se atribui a virtude de reparar em profundidade a subjetividade do paciente[26] e, nos casos suficientemente belos para alcançar a publicação, beneficiar não apenas este último, mas também o próprio analista – que não ganha propriamente um saber, mas uma capacidade aumentada de intimidade com o inconsciente de seus pacientes em geral.

Tudo isso é muito bom e válido. No entanto, como se abandonou a ideia de justificar essas operações remetendo-as a um aparelho psíquico tão solidamente construído quanto o de Freud, podemos nos perguntar então: A) segundo quais critérios os autores se orientam para separar o trigo do joio em sua contratransferência, isto é, para distinguir o que teria um sentido positivo do que seria patológico – ou mesmo de elucubrações defensivas *ad hoc* que se está plenamente autorizado a suspeitar aqui e ali, já que se sabe tão pouco sobre o paciente e seu sonho, e tanto sobre o analista e seus processos internos. B) Invocar Bion, seu processo

25 Um bom indicativo dessa evolução ligada aos pacientes nos é fornecido por dois artigos de Masud Khan (que lia tudo), publicados com quinze anos de intervalo: Khan, 1962 e 1976.

26 No original: *le soi du patient*. O termo *soi* é utilizado por Castel em um sentido que remete a uma instância subjetiva profunda, distinta do "eu" consciente (*moi*). Em muitas traduções e na literatura psicanalítica contemporânea, esse termo é frequentemente associado ao conceito de self (N. do T.).

de rêverie[27] e sua engenhosa forma de revisitar a barreira de contato não resolve necessariamente a questão. Com efeito, há um elo em falta entre as altas abstrações de seu modelo funcional e o nível mais fino dos jogos poéticos – a significância no sentido lacaniano – que pontilham a associação livre. Não se abre mão assim tão facilmente da distinção entre representações de coisas e de palavras, nem tampouco do pré-consciente. C) Considerou-se devidamente que o primado freudiano do deslocamento (a operação recalcadora por excelência) sobre a condensação confere à imagem do sonho um estatuto que não pode permanecer incólume, uma vez que o acento é deslocado, num ponto anterior, para a figurabilidade psíquica? Pois a imaginarização do simbólico no sonho, para usar o termo de Lacan, não dá conta nem da plasticidade geradora própria ao simbolismo inconsciente, nem da possibilidade de que algo novo emerja no pensar inconsciente.

Toda uma iconologia psicanalítica ainda está por ser construída para esse tipo inédito de imagética pensante.[28] Assim, mantendo-nos próximos da clínica (e, aliás, das primeiras palavras da *Traumdeutung*), podemos sugerir que essa iconologia lançaria não apenas uma luz preciosa sobre as fobias, os mentismos visuais e outras representações compulsivas, mas também sobre o onirismo dos traumatizados, dos toxicômanos, dos casos psicossomáticos e mesmo sobre as alucinações psicóticas – sem esquecer aquelas formações oniroídes tão enigmáticas nos estados-limite, que certamente não se reduzem às anteriores. Pois quem ainda pode acreditar que a explicação freudiana inicial se sustenta em todos esses casos?

Dizer mais seria como cimentar uma estrutura que preferimos deixar aberta, convidando o leitor a deslocar os tijolos e mexer na base.

Traduzido por Francisco Capoulade

27 O termo *rêverie* aparece em francês no texto original de Pierre-Henri Castel. Wilfred Bion, que introduziu o conceito em sua obra escrita em inglês, utilizava o termo *reverie* para designar a capacidade da mente materna de acolher, metabolizar e transformar as experiências emocionais brutas do bebê em elementos pensáveis. Optamos por manter a grafia francesa, em itálico, conforme empregada por Castel, a fim de respeitar a terminologia adotada pelo autor e sinalizar a mediação conceitual realizada pela tradição psicanalítica francófona (N. do T.).

28 Faço, a esse respeito, algumas hipóteses ao revisitar a iconologia – por muito tempo dominante – do desenho infantil, e as alternativas disponíveis à luz da antropologia recente da imagem (Castel, 2021). Mas, mutatis mutandis, e na medida em que o desenho infantil foi por muito tempo considerado um equivalente funcional do par sonho freudiano/associação livre, tal iconologia também tocaria o sonho e o "sonhar", no sentido renovado desses dois termos. Vale notar que Ferro abriu amplamente o caminho, na prática, para essas trocas entre sonho e desenhos infantis, ao multiplicar conjecturas ousadas sobre a textura psíquica das imagens e sua própria generatividade.

Referências bibliográficas

ASERINSKY A.; KLEITMAN N.; DEMENT W. C. (1953). "Regularly Occurring Periods of Eye Motility, and Concomitant Phenomena, during Sleep". In: *Science* 118-3062, p. 273-274.

BOLLAS, C. (2025). La Question infinie. Paris: Ithaque.

BRUNO, P. (2017). *Qu'est-ce que rêver*? ERES.

CASTEL, P.-H. (2021). *Mais pourquoi psychanalyser les enfants? Un rituel thérapeutique dans les sociétés modernes.* Paris: Cerf.

FERENCZI, S. (1982). "De la révision de l'Interprétation des rêves (1931)". In: *Réflexions sur le traumatisme*, Œuvres Complètes IV. Paris: Payot.

FERRO, A. (2019). *Psychoanalysis and Dreams. Bion, the Field, and the Viscera of the Mind*. Londres: Routledge.

FREUD, S. (2003 [1900]). L'Interprétation du rêve. Œuvres Complètes IV. Paris: PUF.

_____. (1988 [1917d]). *Complément métapsychologique à la théorie du rêve*. Œuvres Complètes XIII. Paris: PUF.

_____. (2004 [1932]). *Révision de la doctrine du rêve. In Nouvelle Suite des leçons*. Œuvres Complètes XIX. Paris: PUF.

GARMA, A. (1981). *Le Rêve. Traumatisme et hallucination*. Paris: PUF.

JOUVET, M. (1965). Neurophysiologie des états de sommeil. Paris: CNRS éditions.

KHAN, M. R. (1962). "Dream psychology and the evolution of the psycho-analytic situation". In: *International Journal of Psychoanalysis* 43, p. 21-31.

_____. (1976). "The changing use of dreams in psychoanalytic practice. In search of the dreaming experience". In: *International Journal of Psychoanalysis* 57(3), p.325-330.

LAURET, M. (2014). "Le rêve, une passerelle possible entre psychanalyse et neurosciences?". In: *Figures de la psychanalyse* 28(2), p. 87-98.

Marinelli, L.; MAYER, A. (2009). *Rêver avec Freud. L'histoire collective de L'Interprétation du rêve*. Paris: Aubier.

MELTZER, D. (1983). *Dream Life. A Re-Examination of the Psychoanalytic Theory and Technique*. The Harris-Meltzer Trust.

NANCY, P.; LACOUE-LABARTHE, P. (1973). *Le Titre de la lettre. Une lecture de Lacan*. Paris: Galilée.

OGDEN, T. (2012). *Cet Art qu'est la psychanalyse. Rêver des rêves inrêvés et des cris interrompus*. Paris: Ithaque.

PAROT, F. (1995). *L'Homme qui rêve*. Paris: PUF.

RABELAIS, F. (2022 [1546]). Le Tiers-Livre in Tout Rabelais. Bordeaux: Mollat.

SAFOUAN, M. (1982). *L'Inconscient et son scribe*. Paris: Seuil.

SHARPE, E. (1978). *Dream Analysis (1937)*. Londres: Karnac.

SOLMS, M. (2019). "L'interprétation des rêves et les neurosciences". In: *Journal de la psychanalyse de l'enfant* 9(1), p. 7-26.

Referência do texto original:

CASTEL, P.-H. (2025). Des rêveurs en leur "rêvoir": pour une histoire conceptuelle des rêves et de l'appareil psychique. In: *Analysis*, vol. 9, n. 1. DOI: https://doi.org/10.1016/j.inan.2025.100506.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.